

## **Siderurgia faz lobby contra Rio Tinto-BHP**

VALOR ECONÔMICO - Siderúrgicas de todo o mundo estão se juntando para derrubar uma proposta de joint venture das operações de minério de ferro das anglo-australianas Rio Tinto PLC e BHP Billiton Ltd., alegando que a proposta é apenas uma nova versão da fracassada fusão entre as duas em 2008 e permitiria que elas controlassem a oferta e provocassem a alta dos preços.

A Rio Tinto e a BHP afirmam que a joint venture, que envolveria o compartilhamento dos custos de produção em suas minas adjacentes na Austrália Ocidental, pode render economias de quase US\$ 10 bilhões e que as siderúrgicas podem em consequência ter minério de ferro mais barato.

A Associação Mundial do Aço, que representa quase todas as grandes siderúrgicas, solicitou esta semana que a União Europeia rejeite a proposta aliança. A associação afirma que a joint venture "traz o grande perigo de restringir a concorrência, reduzindo assim as escolhas dos consumidores já que criaria uma entidade cuja posição de controle no mercado mundial de minério de ferro transportado por via marítima ficaria ainda menos justa do que a posição já insatisfatória que existe hoje. A proposta joint venture simplesmente transformaria um oligopólio de três empresas num duopólio." (A Vale é a outra grande mineradora do setor.)

As siderúrgicas afirmam que se a comissão antitruste da UE não impedir a proposta, elas tentarão bloqueá-la usando órgãos reguladores da Alemanha e da Áustria. Este mês, a União Europeia deve começar a investigar a proposta sociedade, e pode decidir se a aprova em meados do ano que vem. Autoridades europeias foram bastante críticas à proposta de compra da Rio Tinto pela BHP em 2008, que seria a maior fusão da história, na época avaliada em US\$ 142 bilhões. O negócio acabou fracassando por causa da queda dos preços das commodities.

## **Siemens estuda fábrica no Ceará**

O POVO (COLUNA VERTICAL S/A – JOCÉLIO LEAL) - A gigante alemã Siemens está entre o Ceará e o Rio Grande do Norte como sede de sua primeira fábrica de aerogeradores no Brasil. A informação não foi confirmada com a empresa. Apesar da tradição no setor energético, a Siemens é novata na área de energia eólica. Entrou para o ramo depois de comprar a dinamarquesa Bonus Energy, em 2004. A Dinamarca, a propósito, é uma referência mundial no setor. Até o ano passado, os dinamarqueses exportavam mais de 90% das turbinas fabricadas e dominavam 40% do mercado global. Eles começaram a pensar em energia dos ventos antes de todo o mundo. A Siemens não entra num negócio para ser coadjuvante. A empresa já havia sondado o Ceará na época da compra da Bonus, mas preferiu esperar o mercado no Brasil ganhar embalo. Avalia que chegou a hora.

Na COP-15, em Copenhague, ficou acertado que o Ceará passa a ser uma das sedes do Bright Green Cities (BGC) em 2011. O evento promove tecnologias, projetos e produtos que visem à redução de emissões e a eficiência energética. Para o sociólogo Robson Oliveira, presidente do Conselho Euro-Brasileiro de Desenvolvimento Sustentável - a ONG Eubra (nascida no Fórum Social Mundial de Porto Alegre, em 2005) -, o acordo significa uma enorme vitória. Para Oliveira, eis uma boa chance de atrair para o País empresas do porte da Siemens, Philipps e Alston, que já participam do Bright Green.

## Livre Mercado

DIÁRIO DO NORDESTE (NEGÓCIOS – EGÍDIO SERPA) - A Unidade de Corte e Dobra de Aço da Cooperativa da Construção Civil do Ceará está comemorando a produção de 16.500 toneladas este ano.

## Siderúrgica do Pecém: Posco interessada no Ceará

*Mais uma empresa sul-coreana estuda entrar como parceira no projeto da Companhia Siderúrgica do Pecém*

O POVO - Além da brasileira Vale e da sul-coreana Dongkuk Steel Mill Co, outra empresa, também asiática, está propensa a entrar como parceira no projeto da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP). Integrantes da metalúrgica Posco, o quarto maior grupo do setor no mundo, vão participar da assinatura da ordem de serviço para o início das obras da siderúrgica, que será realizada no próximo dia 16, no município de São Gonçalo do Amarante. A ideia é conhecer as bases do equipamento e já debater futuros negócios.

De acordo com o presidente da Agência de Desenvolvimento do Estado do Ceará (Adece) Antônio Balhmann, a participação da Posco seria no apoio da produção do aço. ``Nem a Vale, nem a Dongkuk produzem o material. A nova parceira sul-coreana entraria como apoio técnico, já que é uma das líderes mundiais do setor e possui experiência no assunto``, disse.

Balhmann destaca que a Posco é uma empresa que está sendo articulada para compor uma associação tecnológica, mas que ainda vai avaliar a possibilidade de entrar na CSP. ``O que seria sensacional pois é uma gigante e agregaria valor aos negócios``, acredita.

O fato de a Posco figurar entre uma potencial parceira da CSP não é nada fora do normal, na avaliação de Antônio Balhmann. ``É uma questão de mercado. Se a Dongkuk compra aço, por que não faria negócio com uma gigante mundial? Ainda mais sendo do mesmo país`` comenta o presidente da Adece. Ele lembra e usa como exemplo o caso da japonesa JFE Steel Corporation. ``Tranquilamente a companhia poderia ser um parceiro do projeto``, ressalta Balhmann.

### PRAZOS

Quanto à programação de implantação da Siderúrgica, tanto Balhmann quanto a própria CSP garantem que o cronograma está absolutamente mantido. ``Não muda nada``, afirmou o presidente da Adece. Ele ainda ratificou que após a assinatura da ordem de serviço as obras já começam. ``Alguns estão dizendo que será lançada a pedra fundamental da Siderúrgica mas o que vai ocorrer é o início das obras de fato. A terraplanagem é um processo, mas podemos dizer que depois do dia 16 a CSP será uma realidade``, antecipa.

Segundo informa a assessoria de imprensa da Companhia Siderúrgica do Pecém, já em 2013 o equipamento estará em funcionamento, mas apenas em 2014 com força total. A siderúrgica, que será localizada no Complexo Industrial e Portuário do Pecém, terá capacidade de produção inicial de seis milhões de toneladas de placas de aço. ``Serão três milhões no primeiro auto-forno e mais três milhões na implantação total``, calcula.

A CSP confirma o cronograma de implantação da Siderúrgica e reforça que não haverá alterações. Segundo informa a assessoria de imprensa, em 2009, foi obtida a licença ambiental, em 2010 será realizada a terraplanagem. Para 2011, está programado o início das obras dos prédios, em 2012 chegam os equipamentos, 2013 ocorre a montagem e, finalmente, em 2014, inicia-se a operação.

## EMAIS

- O presidente Lula cancelou visita ao Ceará programada para o próximo dia 16. Segundo a assessoria de imprensa do Palácio do Planalto, Lula teve que antecipar para o dia 15 sua viagem para a Conferência Internacional sobre Clima, em Copenhague, na Dinamarca, onde fará palestra. Mas a programação relacionada à ordem de serviço da siderúrgica do Ceará, no Complexo Industrial e Portuário do Pecém, está mantida para as 10 horas do dia 16. O governador Cid Gomes comandará o evento com as presenças do presidente da Vale, Roger Agnelli, e o presidente da Dong Kug, sócios no empreendimento.

## **Eletrônicos: Aquisição de 50,2% da rival permitirá à companhia avançar no desenvolvimento de tecnologias "verdes"**

### **Panasonic compra Sanyo por US\$ 4,6 bi**

VALOR ECONÔMICO - A Panasonic anunciou ontem que vai assumir o controle majoritário da Sanyo Electric, por meio de um acordo de US\$ 4,6 bilhões que dará origem a uma das maiores fabricantes de produtos eletrônicos do mundo, na dianteira do mercado em termos de tecnologias "verdes". A empresa fechou a compra de 50,2% da Sanyo por 403,78 bilhões de ienes (US\$ 4,6 bilhões) após o encerramento do prazo da oferta de cinco semanas, iniciado em 5 de novembro. A companhia, maior fabricante mundial de TVs de plasma, pagará 131 ienes por ação da Sanyo.

Com a aquisição, a Panasonic poderá ter acesso à experiência da Sanyo em painéis solares e baterias recarregáveis, o que tende a ampliar os seus recursos na corrida para desenvolver tecnologias ambientais. O grupo anunciou a intenção de comprar a rival há um ano. Segundo a agência France Press, com a aquisição, a Panasonic torna-se maior que a Sony.

Os três maiores acionistas da Sanyo - Goldman Sachs, Daiwa Securities SMBC and Sumitomo Mitsui Banking Corp. - contribuiram para o fechamento do negócio ao concordar em vender uma participação total de pelo menos 3,07 bilhões de ações para a Panasonic por essa cotação. Combinados, os três acionistas controlam cerca de 70% das ações em circulação da Sanyo.

A Panasonic supostamente esperava conseguir mais ações da Sanyo, mas a companhia teve de contentar-se com a participação controladora mínima. Outros acionistas provavelmente ficaram relutantes em vender pelo preço oferecido, inferior à cotação de mercado.

Nas negociações de ontem, as ações da Sanyo tiveram forte alta, em meio às expectativas de que a empresa terá um futuro mais promissor. Os papéis subiram mais de 10%, fechando a 176 ienes, enquanto os da Panasonic recuaram 1,9%, para 1.226 ienes. A oferta foi adiada por vários meses enquanto a Panasonic aguardava aprovação das autoridades antimonopólio dos Estados Unidos, China e União Europeia, antes de seguir adiante com a operação de compra.

Para a Sanyo, em dificuldades financeiras, o negócio representa uma oportunidade de resgate mais do que necessária. Fundada pelo cunhado do fundador da Panasonic, a Sanyo é uma marca popular, mas nos últimos anos perdeu mercado no competitivo setor eletrônico japonês. Em japonês, o nome significa a união entre "três oceanos" (Pacífico, Atlântico e Índico).

A Sanyo teve prejuízo líquido de 30,6 bilhões de ienes entre abril e setembro, em comparação ao lucro de 8,7 bilhões de ienes registrado em igual período de 2008. Para sobreviver, investiu

pesadamente em tecnologias que usem energias renováveis e almeja quadruplicar sua capacidade de produção de baterias solares até 2015.

A Panasonic, fundada por Konosuke Matsushita, deverá manter a marca Sanyo e deixar suas ações listadas na bolsa de Tóquio. Segundo a empresa, o acordo será concluído em 16 de dezembro.

## **No Brasil, Sanyo para produção de baterias**

VALOR ECONÔMICO - As duas empresas japonesas que acabam de criar um novo conglomerado mundial de eletroeletrônicos têm atuação tímida no Brasil. A Sanyo, dona de uma fábrica de baterias para celulares na Zona Franca de Manaus (cujas atividades estão suspensas desde o mês passado), trabalha o mercado de consumo com apenas quatro categorias de produtos, todos importados - câmeras, filmadoras, projetores e condicionadores de ar. Já a Panasonic, que tem uma gama bem maior de itens (de linha branca a pilhas e baterias, passando por tocadores de blu-ray e equipamentos de som automotivo), fabricados em São José dos Campos (SP) e Manaus, não apresenta, por aqui, o mesmo fôlego que suas competidoras coreanas LG e Samsung.

"A Panasonic está longe de ser associada a produtos de baixa qualidade, como foi a CCE no passado, mas também não é procurada no ponto de venda", diz o diretor de uma rede de varejista. "A empresa é séria, mas é muito travada em termos de marketing, não vai à mídia nem valoriza tanto o design dos produtos", afirma. Com 30 anos de experiência em varejo, o executivo lembra que, no passado, até os anos 90, a marca Sanyo foi forte no país. Mas hoje a elite em áudio e vídeo pertence à conterrânea Sony, ("que não queima produto, é dirigida ao público A", diz), enquanto LG e Samsung avançam cada vez mais na venda para a classe média.

Luiz Okamoto, gerente de produto da Sanyo no Brasil, reconhece que a marca perdeu força. "Até a década de 90, a empresa produzia linha de áudio e vídeo, microondas e telefones sem fio na Zona Franca de Manaus", diz. "Mas as crises econômicas externas, assim como a guerra de preços em TVs no país, prejudicaram a empresa".

Segundo Okamoto, a fábrica da Sanyo em Manaus, que fornece baterias de celulares para outras marcas, teve suas atividades interrompidas em novembro. "Ainda não sabemos se a produção será retomada, tendo em vista a queda no mercado de celulares", afirma. Segundo a consultoria GFK, no acumulado de janeiro a outubro deste ano, as vendas de celulares e "smartphones" caíram 7% sobre o mesmo período de 2008.

"É a primeira queda na história deste mercado", diz Vinícius Caetano, analista do IDC Brasil, que estima uma retração de 10% na venda de celulares este ano. "Embora o número de assinantes esteja crescendo, o que vemos são os usuários adquirindo novos chips, para aproveitar as tarifas intrarrede da mesma operadora", afirma. Segundo Caetano, os celulares hoje oferecem recursos semelhantes (câmera e música) e os usuários não veem muita necessidade de trocar de aparelho. "A não ser que seja para um 'smartphone' mas, nesse caso, o preço é muito maior e trata-se de um produto que não se encaixa nos planos pré-pagos, que são maioria no país", comenta.

Na Ásia, a Panasonic tem atuação de peso na fabricação de celulares, que costumam receber a marca da operadora, como a Docomo.